



## OFICINA ‘A ARTE DA GEOTINTA, O SOLO COMO MUSA INSPIRADORA’

*Paloma da Silva Amorim<sup>1</sup>, Dayane da Silva Lima<sup>2</sup>, José Ilton Pereira Alves<sup>3</sup>, Rogerio Andrade Emídio<sup>4</sup>, Emerson Marcelo Bezerra Matos<sup>5</sup>, Caroline Leandro de Oliveira Soares<sup>6</sup>, Nataly Yorrana Medeiros dos Anjos<sup>7</sup>, Douglas Henrique Ramos Medeiros<sup>8</sup>, Danielle de Freitas Costa<sup>9</sup>, Danilson Correia da Silva<sup>10</sup>, Rivaldo Vital dos Santos<sup>11</sup>, Adriana de Fátima Meira Vital<sup>12</sup>*  
*adriana.fatima@professor.ufcg.edu.br e vitalrivaldo@gmail.com*

**Resumo:** O solo é a base da vida na Terra e sua diversidade de cores pode ser usada em atividades escolares para estimular boas práticas de conservação. Apresenta-se um relato de experiência com oficinas de pintura com tinta de solo – geotinta - em quatro escolas de realidades diferentes, no sentido de viabilizar novas formas de popularização do conhecimento do solo. A partir das oficinas, verificou-se o interesse e o entusiasmo dos participantes sobre a temática, que propõe a ação transformadora por meio da arte com solo.

**Palavras-chaves:** *Oficina pedagógica, Pintura com terra, Educação em Solos.*

### 1. Introdução

O solo é um verdadeiro mosaico de cores e está presente no cotidiano das pessoas. Certamente que usar este recurso na atividade artística também faz parte da rotina de muitas pessoas, como das louceiras e artesãos. A cor é uma das características morfológicas do solo de mais fácil percepção num barranco e útil para a identificação e avaliação do solo. Também é bastante fácil de determinar, fazendo-se uso da Carta de Cores Munsell [1].

A cor do solo pode ser o indicador de zonas de saturação periódica do solo, pode trazer informações sobre o conteúdo de matéria orgânica do solo ou exibir informações do material de origem do solo [2].

A popularização dos conceitos sobre solos é uma urgência frente ao avanço da degradação e a ausência de conhecimentos que a maior parte da população tem de suas necessidades, limitações, características e potencialidades. Na escola e nos ambientes informais da educação, o solo precisa ser (re)conhecido, de modo a minimizar os processos de degradação que comprometem o prosseguimento da vida [3,4].

Para ampliar a disseminação de conceitos sobre o meio ambiente, no geral, e do solo, em particular, e suprir importante lacuna existente nos materiais e conteúdos didáticos faz-se necessário que a prática didático-pedagógica desenvolva estratégias que articulem o

conhecimento com o interesse e o prazer por estudar, com atividades lúdicas [5,6].

Desde os primórdios da história humana que as práticas de pintura que usam o solo como pigmentos naturais se fazem presentes mantendo-se vivas até os dias de hoje e sendo utilizada nos mais variados locais e, sobretudo no ambiente rural. O estudo dos tons do solo já permitiu a catalogação de muitas cores básicas que podem ser inclusive misturadas entre si, resultando numa infinidade de cores e tons [7,8].

Trabalhar os conteúdos do solo em sala de aula, de maneira dinâmica e lúdica, pode ser mais interessante se aliar a arte da pintura com tinta de terra, ou geotinta, à proposta de valorização do solo para imprimir uma nova possibilidade de conhecer para conservar.

A geotinta é um produto ecológico à base de terra, que se presta para pintura de diferentes materiais, assim, o solo pode ser considerado como um pigmento barato, de fácil acesso e obtenção para as tintas, diminuindo o custo da tinta e contribuindo para sustentabilidade ambiental [9].

Sensibilizar para o cuidado com o solo, construir valores, potencializar habilidades e descobrir talentos são algumas das metas do Projeto Geotinta, que usa a diversidade das cores do solo para ampliar os horizontes de discussão sobre a importância do solo e seus usos.

Nas escolas de Ensino Básico é possível trabalhar o conhecimento do solo a partir da manipulação de diferentes cores de solo, nas oficinas de tinta de terra, ou geotinta, ação que estimula a criatividade, a aprendizagem ativa, a valorização do solo, o saber local e o resgate do sentimento de pertencimento das pessoas.

O relato objetivou descrever as oficinas de pintura com tinta de solo, conduzidas pelos monitores extensionistas do Projeto Geotinta do campus da UFCG em Sumé.

### 2. Metodologia

A proposta pedagógica da pintura ecológica à base de terra, está alocada no Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, campus da UFCG em Sumé.

1,2,3,4,5,6,7 Estudantes de Graduação, UFCG, Campus Sumé, PB, Brasil.

8,9 Colaboradores, Estudantes de Graduação, UFCG, Campus Sumé, PB, Brasil.

10 Colaborador, Servidor Técnico do Laboratório de Solos, UFCG, Campus Sumé, PB, Brasil.

11 Orientador, Docente, UFCG, Campus Sumé, PB, Brasil.

12 Coordenadora, Docente, UFCG, Campus Sumé, PB, Brasil.

Nesse ambiente foi idealizado o Ateliê da Geotinta, onde está o banco de cores do solo e a sala de exposição das peças pintadas com geotinta.

O acervo de cores do Ateliê da Geotinta é composto por amostras de terra oriundas de diversos locais e estados e já foram catalogados mais de 40 tons das cores.

Para a realização das oficinas de geotinta são atendidas as demandas das escolas parceiras ou os agendamentos via rede social (projeto\_geotinta).

As metodologias usadas são dialógicas, interativas e lúdicas. Inicialmente é feito uma discussão sobre a importância do solo, suas funções e usos, evidenciando a cor do solo como estratégia para descobrir talentos, geradores de trabalho e renda.

A presença da mascote dos projetos de extensão em solos, Ana Terra, é constante nas atividades, por criar um clima favorável de identificação e trazer a ludicidade na apresentação, permitindo a aprendizagem de maneira descontraída.



Figura 1 – Visão parcial do Ateliê da Geotinta e a mascote do projeto, Ana Terra.

Para a produção da tinta de terra, são levadas amostras de solos do Ateliê da Geotinta, cola branca e água, numa composição básica de 3:2:1, segundo a textura de cada amostra de solo, de modo a produzir uma mistura de consistência própria para a atividade.

O público alvo são professores e estudantes do Ensino Básico, acadêmicos e agricultores.

Ao longo dos anos de 2022 a equipe do Projeto Geotinta realizou oficinas em diversas escolas públicas e da rede particular. Para este relato são descritas as oficinas realizadas nas seguintes escolas: EMEIEF Tobias Remigio Gomes (Monteiro), ECIT Plínio Lemos (Puxinanã), na Escola Agrotécnica Municipal (Sumé) e na Escola Municipal Luiz Correia de Queiroz (Parari), num total aproximado de 150 participantes.

### 3. Resultados e Discussões

As oficinas de geotinta têm acontecido rotineiramente, em demandas de escolas bem como de comunidades rurais, e têm possibilitado aos extensionistas a aproximação da realidade fora da Academia, vislumbrando oportunidades e pensando caminhos para a sustentabilidade e para a conservação do solo.

Foram inúmeras as escolas de ensino infantil, fundamental e médio e turmas da EJA ou de cursos técnicos, que solicitaram durante o ano de 2022 a oficina de pintura com tinta de solo, a 'Oficina de Geotinta, o solo como musa inspiradora'.

Além da curiosidade pela ação, a oficina desperta normalmente muito entusiasmo nos estudantes, que tem na atividade um momento de descontração, interação e criatividade. Por outro lado, se desconstrói a ideia que solo e terra são elementos sujos, aprendida ainda na primeira infância quando não se permitia que as crianças brincassem no chão, colocando as mãos e os pés no barro; prática inclusive que induzia que as pessoas cobrissem toda a área do quintal de suas casas, ficando distante do contato com o solo (MOTTA; BARCELLOS, 2007).

A chegada da equipe de extensionistas nas escolas era sempre muito calorosa e animada. Todos aguardavam com curiosidade e interesse para ver essa 'história' de fazer tinta com terra. Da mesma maneira, a vinda das turmas de escolares ao campus universitário também.

Na escola de Puxinanã o contato foi feito via rede social Instagram, na página do @projeto\_geotinta. A turma era um curso técnico em Agroecologia, do Ensino Médio. Após a palestra de apresentação, o professor coordenador da sala, organizou os estudantes para a realização da atividade que aconteceu em clima de muita animação e interesse.

Todos acompanharam com atenção as orientações da produção da tinta, fazendo junto com a equipe do projeto que conversava sobre a riqueza das cores do solo e trazia orientações da importância de entender que a geotinta é uma ecotecnologia de baixo impacto ambiental e que não causa degradação do solo, pois a coleta do material para formação de um banco de cores é feita de forma sustentável, aproveitando locais esbarrancados.

A turma fez bonitas produções e logo novos agendamentos foram feitos por outros professores que se encantaram com a atividade que também não conheciam.



Figura 2 – Exposição das peças produzidas na oficina de geotinta em Puxinanã.

Em Monteiro a atividade aconteceu numa turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Foi um momento muito especial pela interação calorosa e afetiva da criançada, que demonstrou curiosidade e atenção na conversa sobre o solo, com muita participação sobre o modo particular e falar do solo. A oficina foi montada na

sala de aula e como a experiência foi com adultos houve muita interação e surgiram questionamentos sobre as práticas de cuidado com o solo, pois em sua maioria o público era de agricultores.

Foi um momento muito proveitoso, de compartilhamento que abriu espaço para discussões importantes, onde a interação entre os participantes se deu da melhor forma possível.



Figura 3 – Recortes da oficina de geotinta na EJA.

A oficina de geotinta realizada em Sumé foi na Escola Agrotécnica Municipal e aconteceu durante o Festival do Umbu, ação tradicional da instituição.

A oficina aconteceu ao ar livre e a equipe levou a barraca de lona do Projeto Solo na Escola/UFCG. Além dos inscritos para a oficina, os visitantes paravam para conhecer a proposta, que sempre causa muita curiosidade e gera muitas perguntas, como, ‘esse roxo é mesmo da cor do solo?’, ‘onde tem solo amarelo assim?’, ‘por que o solo é assim tão branquinho?’, momento em que a equipe aproveita para trazer as orientações a apresentar a proposta de conhecer e cuidar do solo.



Figura 4 – Oficina de Geotinta na Escola Agrotécnica de Sumé.

Em Parari a oficina de pintura com tinta de solo aconteceu com uma turma de crianças, muito animada e curiosa. Nunca haviam ouvido falar que o solo faz arte de pintura, embora que alguns ainda mencionaram que sabiam que do barro se faz a panela.

Os professores também estavam muito motivados por conhecer a técnica, inclusive convidaram os familiares das crianças para acompanhar a oficina.



Figura 5 – Oficina de Geotinta em Parari.

A proposta do Projeto Geotinta da UFCG campus de Sumé já tem ultrapassado barreiras e chegado a inúmeros Estados, inclusive fora do País, quando da oportunidade em que imagens das peças do Ateliê da Geotinta compuseram a Mostra de Arte com Solo no Encontro Anual Internacional da Ciência do Solo, que aconteceu em Baltimore (EUA).



Figura 6 – Imagem das peças do Ateliê da Geotinta na exposição em Baltimore (página do Instagram da curadora do evento de solos, Dr<sup>a</sup> Kirsten Kurtz).

Todas as atividades das oficinas de pintura com tinta de solo são postadas nas redes sociais dos projetos Solo na Escola/UFCG e Projeto Geotinta, para acompanhamento e divulgação das ações extensionistas, cujo objetivo é mostrar a importância de conhecer e conservar o solo or meio da arte, despertando competências, favorecendo a reflexão e criando um espaço de discussão para fomentar práticas de cuidado com o solo.

#### 4. Conclusões

Com as ações da arte com pintura de tinta de terra, nas oficinas itinerantes de geotinta, observou-se entre os estudantes a ressignificação do sentido do solo em seus diferentes usos. Relativo ao aproveitamento pedagógico, os professores comentam posteriormente que a metodologia desperta o interesse e promove maior entendimento sobre os assuntos referentes ao solo abordados posteriormente na sala de aula.

Considera-se ainda que a Oficina de Geotinta “o solo como musa inspiradora” abre oportunidades de potencializar a criatividade dos estudantes participantes.

Além disso, vem permitindo que professores em exercício tenham contato direto com propostas de Educação em Solos e que reflitam sobre suas práticas e possibilidades de ação em suas salas de aula.

Espera-se assim que esta atividade continue incentivando as pessoas a serem defensores do solo e as insiram na proposta de valorização do solo na cotidiana para a promoção da sustentabilidade social, econômica e ambiental. Assim, o projeto contribui para o engajamento nas metas dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, estimulando a educação de qualidade, o cuidado com a Natureza e a possibilidade de geração de trabalho e renda.

#### 5. Referências

- [1] MUNSELL SOIL COLOR COMPANY, **Munsell soil color charts, Munsell color**, Macbeth Division of Kollmorgen Corporation, Baltimore, Maryland, USA. 1950.
- [2] LEPSCH, I. **Formação e conservação dos solos**. São Paulo: Oficina de textos, 2007.
- [3] JERÔNIMO, D.D.; BIGONI, A.; NUNES, J. O. R. Trilhando os solos: atividades lúdicas e jogos no ensino de solos. – São Paulo: Cultura Acadêmica: Universidade Estadual Paulista, Pró-Reitoria de Graduação, 2012.
- [4] VEZZANI; Fabiane Machado. Valorização ambiental do solo. In: LIMA, Marcelo Ricardo (org.). **Conhecendo os solos: abordagem para educadores do ensino fundamental na modalidade à distância**. Universidade Federal do Paraná. Departamento de Solos e Engenharia Agrícola. Curitiba, 2014, p. 13-29. Disponível em: [http://www.escola.agrarias.ufpr.br/arquivospdf/livro\\_ea\\_d.pdf](http://www.escola.agrarias.ufpr.br/arquivospdf/livro_ea_d.pdf). Acesso em: 12 nov. 2022.
- [5] LIMA, A. M.; OLIVEIRA, H. T. A (re) construção dos conceitos de natureza, meio ambiente e educação ambiental por professores de duas escolas públicas. **Ciência & Educação**. Bauru, v. 17, n. 2, p. 321–337, 2011.
- [6] ADAMS, F. W.; OLIVEIRA, K. M. de; ALVES, S. D. B.; NUNES, S. M. T. Oficina de formação continuada em educação ambiental: discutindo a importância e a prática. **Experiências em Ensino de Ciências**, v.14, n.3, p. 958-611. 2019.
- [7] MARIANO, L. D.; BARRETO, P. C. C.; COARACY, T. do N.; MELO, D. M. A. de; NETO, M. A. D. Geotinta: relações solo-ambiente e potencialidades na confecção de tintas ecológicas. **Cadernos de Agroecologia**, Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, n. 2, 2020.

[8] VITAL, A. F. M.; CAVALCANTE, F. L.; BARBOSA, I. S.; OLIVEIRA, D. S.; FEITOSA, J. F. F.; SANTOS, R. V. Tons da terra e o uso da geotinta para popularizar a ciência do solo. **Solos estudo e aplicações**. 1ed. Campina Grande PB: EPGRAF, 2018, v. 1, p. 105-116.

[9] CARVALHO, A. F.; HONÓRIO, L. de M.; ALMEIDA, M. R. de; SANTOS, P. C. dos; QUIRINO, P. E. **Cores da Terra: fazendo tinta com terra**. Universidade Federal de Viçosa. Programa TEIA. Programa Cores da Terra. Viçosa, 2007.

#### Agradecimentos

A todas as escolas, professores e estudantes que receberam as oficinas de geotinta na edição do projeto em 2022.

Às escolas recorte desse relato: EMEIEF Tobias Remigio Gomes (Monteiro), ECIT Plínio Lemos (Puxinanã), na Escola Agrotécnica Municipal (Sumé) e na Escola Municipal Luiz Correia de Queiroz (Parari)

À UFCG pela oportunidade da participação voluntária por meio da Chamada PROPEX 003/2022 PROBEX/UFCG.